

ENTRE SINAIS E PALAVRAS: O PODER DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS SURDAS

Leticia de Oliveira Santos¹
Elainy Cristina de Jesus Oliveira²
Gisleine Gomes Ramos³
Joseline Ferreira Bezerra⁴
Lílian Bárbara Cavalcanti Cardoso⁵

RESUMO

Este artigo tem como objetivo promover uma discussão sobre a importância da contação de histórias no processo de alfabetização de crianças surdas. Para isso, adotamos uma estratégia metodológica baseada na revisão de literatura, com ênfase nas contribuições de Mantoan (2003), Nascimento (2011) e Souza (2005). Esses autores são essenciais para a reflexão sobre a alfabetização e a comunicação de surdos, defendendo modelos bilíngues que valorizam a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua materna e a Língua portuguesa como segunda língua. Eles enfatizam a necessidade de uma abordagem pedagógica que respeite as especificidades linguísticas e culturais dos alunos surdos, além de destacar a importância da formação de professores capacitados para implementar essa abordagem. Como considerações finais, apresentamos algumas dicas e estratégias para uma contação de histórias para crianças surdas: utilizar a Língua de Sinais, incorporar recursos visuais, exagerar nas expressões faciais e corporais, variar o ritmo e fazer pausas, usar recursos digitais ou vídeos, escolher histórias com temas visuais e envolver as crianças ativamente. Adaptar a contação de histórias para crianças surdas é uma forma de garantir que elas também possam vivenciar a magia das narrativas, ao mesmo tempo em que se sentem respeitadas e incluídas no processo. A chave está em usar a comunicação visual e sinalizada de maneira criativa, transmitindo emoções e enredos de forma eficaz e acessível.

Palavras-chave: Inclusão, Educação de Surdos, Contação de História, Alfabetização Bilíngue.

INTRODUÇÃO

Este artigo intitulado “Entre sinais e palavras: o poder da contação de histórias na alfabetização de crianças surdas” nasceu a partir da experiência das autoras como professoras

¹ Pedagoga, Especialista em Gestão e coordenação escolar, Mestra em Ensino de Ciências e Matemática. Tutora online do PRIL/UFAL campus do Sertão. Professora dos Anos Iniciais pela SEMED, Maceió/AL e da Sala de Recursos Multifuncionais pela SEDUC/AL. Email: leticia.santos@cedu.ufal.br

² Pedagoga. Servidora Pública Municipal pela SEMED, Maceió/AL.

³ Pedagoga. Especialista em Gestão Escolar e Educação Especial. Servidora Pública Municipal pela SEMED de Maceió/AL e da SEMED de Joaquim Gomes. Email: leinegomes@gmail.com;

⁴ Pedagoga. Especialista em Gestão Escolar e Práticas Pedagógicas. Possui experiência em Coordenação pedagógica e como Professora dos Anos Iniciais. Atualmente desenvolve projetos literários e executa-os na sala de leitura da referida escola. Servidora Pública Municipal pela SEMED, Maceió/AL. Email: f.joseline@yahoo.com.br

⁵ Pedagoga, Mestra e Doutora em Educação (UFAL). Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Colégio de Aplicação Professora Telma Vitória da Universidade Federal de Alagoas (CApTV/UFAL), Email: lilian.cardoso@cedu.ufal.br

de crianças surdas. Em nossas práticas pedagógicas, percebemos como a contação de histórias, recurso tão lúdico e presente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, assume um papel ainda mais especial e transformador quando é adaptada à realidade linguística e cultural dos estudantes surdos.

A partir dessa vivência, sentimos a necessidade de aprofundar teoricamente essa reflexão, recorrendo a estudos que discutem a alfabetização bilíngue e a importância do reconhecimento da Libras como língua materna dessas crianças.

O objetivo do artigo foi promover um debate sobre a relevância da contação de histórias no processo de alfabetização de crianças surda embasadas na habilidade EF15LP21 da BNCC (2018) que visa, a partir do conto, desenvolver a capacidade de “recontar, adaptar e dramatizar narrativas literárias”.

Na fundamentação teórica destacamos: Mantoan (2003), que defende a inclusão escolar como um direito inegociável e a necessidade de adaptar práticas pedagógicas às especificidades dos sujeitos para a alfabetização de surdos, isso significa reconhecer que não há um modelo único de ensino, mas, sim, a valorização das línguas e culturas próprias desses estudantes; Nascimento (2011), que enfatiza os modelos bilíngues de alfabetização. Para ele, a Libras deve ser reconhecida como a primeira língua da criança surda, sendo a Língua Portuguesa trabalhada como segunda língua.

Essa concepção é fundamental para evitar a exclusão e a imposição de uma língua que não é natural ao desenvolvimento inicial desses sujeitos. Souza (2018), traz a importância da formação docente para o trabalho com crianças surdas. Não basta reconhecer a Libras e o bilinguismo, é preciso que o professor esteja preparado, domine estratégias visuais, corporais e linguísticas, construindo pontes entre sinais, palavras e sentidos.

A metodologia consistiu na experimentação da contação de história em uma turma do 5º ano do ensino fundamental, com vinte e nove estudantes ouvintes e um estudante surdo, onde a professora intérprete de libras traduziu a história, e o estudante surdo teve a oportunidade de recontar a partir de sua compreensão, contemplando algumas habilidades da BNCC (2018), sobretudo, a EF35LP03 que consiste em “identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.” A tradutora intérprete de Libras assumiu um papel essencial neste percurso, permitindo que o estudante surdo pudesse compartilhar com a turma o que havia compreendido da história e, posteriormente, recontá-la a partir do contexto em sinais.

Essas reflexões nos levam a compreender que a contação de histórias é muito mais do que uma atividade lúdica, é um espaço de construção de significados, de desenvolvimento da imaginação e de ampliação das práticas de linguagem. Para as crianças surdas, contar histórias

em Libras, de forma expressiva e criativa, é também uma forma de afirmar sua identidade, de favorecer a aprendizagem da Língua Portuguesa escrita e de garantir o direito de viver experiências fascinantes por meio das narrativas.

. Em resumo, o poder da contação de histórias está em unir emoção, linguagem e cultura, permitindo que entre sinais e palavras, a alfabetização se torne uma experiência inclusiva, criativa e profundamente humana

REFERENCIAL TEÓRICO

A língua brasileira de sinais, em toda a sua especificidade deve ser a primeira língua que os estudantes surdos tem contato, e, a partir disso, o processo comunicativo é inicializado, promovendo interações importantíssimas nas áreas cognitivas das crianças que assim necessitam desta ferramenta para seu pleno desenvolvimento social e cognitivo.

Diante da necessidade de apropriação da Libras como língua materna, observam-se situações cotidianas que podem interferir diretamente no processo de comunicação. Quando a família do estudante surdo já possui proficiência na Língua de Sinais e a utiliza de forma recorrente em seu convívio diário, a criança é estimulada à comunicação, o que favorece o desenvolvimento linguístico, colaborando para a eficácia dos processos educativos.

Santos e Barrios (2022, p. 2), refletem que “Infelizmente, muitos surdos, filhos de pais ouvintes, têm acesso tardio à Libras, muitas vezes apenas na fase adulta.” De fato, sendo a Libras utilizada apenas em contexto escolar, e não como prática de autonomia e processos sociais, implica nas lacunas do desenvolvimento integral dos estudantes surdos.

As escolas, ao atenderem às demandas sociais, têm promovido melhores condições de inclusão por meio da atuação de professores intérpretes de Libras, que auxiliam diretamente os estudantes surdos nos aspectos sociais e educacionais. Essa atuação representa um avanço significativo na consolidação de uma educação equitativa e acessível a todos. “A escola prepara o futuro e, de certo que, se as crianças aprenderem a valorizar e a conviver com as diferenças nas salas de aula, serão adultos bem diferentes de nós(...)” Mantoan (2003, p. 47)

Barbosa (2019, p. 10) traz a seguinte indagação quanto a Libras em vários contextos:

Isso tudo no que se refere ao ambiente escolar, sem levar em conta tudo aquilo que atravessa o fazer educacional: família e comunidade, por exemplo, que geralmente também não tem um fácil acesso à Libras e que são partícipes do processo de aprendizado dos indivíduos, se não diretamente ligados a uma ideia escolar, como componentes do cotidiano dos estudantes. Assim, como trabalhar o desenvolvimento total do indivíduo, formando um cidadão crítico e interventor consciente na realidade

em que vive, se não se pode considerar o contexto do dia a dia do indivíduo surdo, seu conhecimento pregresso aliado ao conhecimento acadêmico, no processo de construção de saberes?

Diante dos desafios iniciais no processo de alfabetização das crianças surdas por meio da Libras, bem como da necessidade de sua inserção e desenvolvimento pleno na vida social, torna-se essencial aprimorar as estratégias de ensino que possibilitem o domínio e a aplicação da Língua Portuguesa como segunda língua.

Nesse sentido, é fundamental que a escola promova práticas pedagógicas inclusivas, que considerem as especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda, valorizando a Libras como primeira língua e garantindo recursos didáticos acessíveis e adequados. Assim, o processo de ensino-aprendizagem torna-se mais significativo, contribuindo para a autonomia, a comunicação efetiva e a participação social dessas crianças em diferentes contextos. (CIGOGNINI, COSTA, 2024)

A educação especial inclusiva, pautada nos princípios básicos preconizados pela LDBEN (9394/96) estabelece:

Art 3º- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

XIV - respeito à diversidade humana, linguística, cultural e identitária das pessoas surdas, surdo-cegas e com deficiência auditiva.

Art. 60-A. Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos.

A BNCC (2018), tem orientado quanto às competências e habilidades a serem desenvolvidas, o que tem despertado nos(as) professores(as), a necessidade de formação continuada para compreender as especificidades de todos os estudantes, incluindo, surdos, o que contribui para o aprimoramento do desenvolvimento social e educacional das crianças.

No âmbito dessas demandas educacionais, destaca-se:

As atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital. Por meio dessas práticas, as pessoas interagem consigo mesmas e com os outros, constituindo-se como sujeitos sociais. Nessas interações, estão imbricados conhecimentos, atitudes e valores culturais, morais e éticos. (BNCC, 2018, pág. 61)

As múltiplas linguagens ampliam os campos de experiências, e, consequentemente, é visto em contexto escolar, a formação de sujeitos mais reflexivos e cooperativos. “As múltiplas linguagens da criança acontecem de diversas formas (...), as crianças se comunicam através da imaginação, por meio da ideia, da criatividade, da ludicidade.” Feitosa e Santos (2020, p. 15).

Segundo Silva, Abreu e Pedroza (2024), para Vygotsky, os processos comunicativos são essenciais para o pleno desenvolvimentos dos indivíduos. Em se tratando de estudantes surdos, a linguagem, nesse sentido, não é apenas um meio de expressão, mas um instrumento de mediação que possibilita a formação do pensamento e a construção do conhecimento. Quando se trata de pessoas surdas, Vygotsky destaca que a ausência da audição não impede o desenvolvimento intelectual, desde que existam formas eficazes de comunicação.

Em se tratando de uma educação contemporânea e inclusiva, a Língua Brasileira de Sinais atua como ferramenta essencial para a alfabetização e participação social dos estudantes surdos.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A contação de histórias é uma prática pedagógica que apresenta elementos importantíssimos para o desenvolvimento cognitivo das crianças na Educação Infantil bem como nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Esta atividade educativa atua em várias esferas, incluindo compreensão de diversos gêneros textuais, sequência lógica dos fatos ali apresentados, promovendo o diálogo e a escuta nas rodas de leitura.

Dessa forma, observa-se que essa prática exerce um efeito significativo na consolidação dos processos de alfabetização, letramento e aprendizagem. Souza, Lima e Sousa (2014, p. 6) afirmam que “A contação de histórias além de ser uma prática muito rica e prazerosa é importantíssima para a construção do pensamento lógico.”

Souza e Silva (2022, p.7), definem ainda que:

A literatura infantil contribui para a inclusão social e escolar, pois através das obras infantis, podemos abordar vários temas, de modo que promova a valorização das diferenças. Os livros de literatura infantil são instrumentos que nos permite trabalhar com construção de valores, como amizade, respeito e igualdade entre as crianças, e assim, mostrar a importância de aprender que é necessário respeito, harmonia para vivermos juntos em sociedade.

Com base nos estudos dos autores mencionados, reconhece-se a contação de histórias como uma prática que se desdobra em ações pertinentes ao ato educativo, atua na necessidade

de desenvolver nas crianças etapas importantes do seu desenvolvimento social, e quando esta prática se torna rotina na sala de aula, a promoção da equidade é vista, tornando assim, um ambiente muito mais acolhedor.

A BNCC (2018), traz as habilidades que poderão ser contempladas com a esta prática, como vistas no quadro a seguir:

Quadro 1: Habilidades da BNCC (2018) para a prática da contação de histórias

Educação Infantil	Anos iniciais do Ensino Fundamental
EI01EF03: interesse ao ouvir histórias.	EF15LP18: Ler e compreender textos literários de gêneros variados, reconhecendo sentidos e efeitos.
EI02EF03: atenção à leitura diferenciando escrita e ilustrações.	EF15LP19: Apreciar textos literários, valorizando a literatura como forma de expressão artística.
EI02EF0: manipulação de textos diversos.	EF15LP20: Ler em voz alta textos literários, com entonação adequada.
EI03EF04: recontar histórias.	EF15LP21: Recontar, adaptar e dramatizar narrativas literárias.
	EF15LP22: Produzir textos literários com base em modelos conhecidos (contos, poemas, fábulas etc.).

Fonte: BNCC, 2018.

Para cada habilidade estabelecida na Base Nacional Comum Curricular (2018), é observada possibilidades capazes de colaborar de maneira eficaz para momentos de ludicidade. O conto, o reconto e as diversas maneiras de representar as histórias às crianças, são exemplos práticos de um fazer pedagógico que visa oportunizar momentos de interações coletivas, sinalizadas e criativas, efetivando, assim, a alfabetização e letramento, como afirmam Santana, Ferreira e Borba (2023, p.86) “(...) proporciona-se aos estudantes o contato com múltiplas linguagens no exercício da contação de histórias e na representação com as falas dos personagens, o que refletirá no seu desenvolvimento na oralidade, na leitura e na sua interação com seus pares.”

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta proposta de atividade, utilizamos a metodologia de leitura e compreensão textual, onde a professora da sala realizou a leitura de um texto contido no próprio livro de Língua Portuguesa do 5º ano, tendo como objetivo alcançar as seguintes habilidades da BNCC (2018):

EF35LP03 - Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.

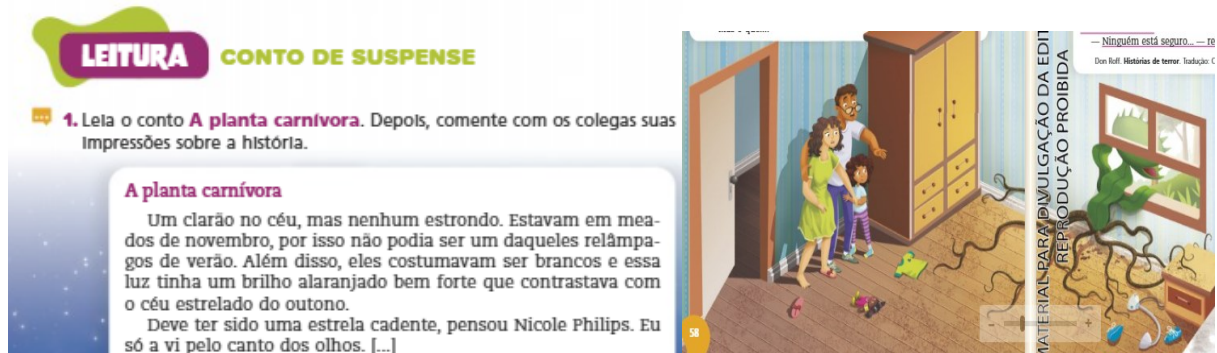
EF15LP0 - Localizar informações explícitas em textos.

EF35LP04 - Inferir informações implícitas nos textos lidos.

No primeiro momento, a professora solicitou que todos(as) os(as) estudantes realizassem a leitura de forma coletiva, ao passo que a intérprete de libras traduzia os sinais para o estudante surdo.

O texto escolhido foi um conto de suspense intitulado: “A planta carnívora”, de Don Rolf, 2010.

Figura 1- Conto escolhido para a atividade



Fonte: A Conquista, Língua Portuguesa, 5º ano, 2025.

Após a leitura coletiva, a professora fez alguns questionamentos sobre o texto, permitindo que os estudantes pudessem desenvolver as habilidades da BNCC (2018) descritas acima. Foram momentos de muita interatividade entre as professoras e estudantes, com análise e compreensão textual, inclusive, identificação de palavras diferentes e respectivos significados.

Concomitante a isto, a intérprete de libras sinalizou todo o texto para o estudante surdo, porém, interagindo, inclusive, com os estudantes ouvintes, para que os processos comunicativos fossem mais efetivados na turma, sob um viés de educação inclusiva, promovendo interações entre todas as crianças, independente de suas necessidades educacionais específicas.

Esta sistemática de contação de histórias/textos, leitura e compreensão dos mais variados gêneros da língua portuguesa já faz parte da rotina da turma, tornando esses momentos de ensino-aprendizagem capazes de favorecer a todos os estudantes. É visto a cooperação, curiosidade, atenção, escuta (no caso dos ouvintes), e relevante percepção visual no estudante surdo, o que permite sua apropriação na Libras. O resultado de toda essa dinâmica educativa é o engajamento da turma, bem como aquisição de saberes formais e coletivos.

Como a turma conta com um estudante surdo, o ensino de libras é ofertado uma vez por semana, viabilizando pontes de diálogos empáticos e inclusivos, promovendo enriquecimento curricular para todos(as).

A seguir temos a sequência visual que foi desenvolvida na sala de aula:

Figura 2 - Momento de contação de história para a turma com a Professora Intérprete de Libras traduzindo os sinais para o estudante surdo



Fonte: o autor.

Figura 3 – Estudante surdo recontando a história em libras



Fonte: o autor.

Figura 3 – Estudante surdo representado em libras um dos personagens da história (a planta carnívora)



Fonte: o autor.

A conclusão desta experimentação de contação de histórias entre sinais e palavras evidenciou-se na produção de desenhos sequenciados a partir do texto. Como a Libras é uma língua visual e contextualizada, a criança surda demonstrou ser capaz de sintetizar sua compreensão da narrativa por meio das ilustrações, como representado abaixo.

Essa abordagem reforça a importância de recursos visuais no processo de aprendizagem e interpretação de histórias por crianças surdas, promovendo inclusão e participação ativa.

Figura 3 – Desenhos da história da planta carnívora representados pelo estudante surdo.



Fonte: o autor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade pedagógica de contação de histórias demonstrou ser uma excelente estratégia para o fortalecimento dos processos de alfabetização e inclusão. A experimentação realizada proporcionou uma maior familiarização com a Língua Brasileira de Sinais entre todos(as) os(as) estudantes, promovendo um ambiente acessível e participativo.

A sinalização realizada durante a contação da história “A planta carnívora”, de Don Rolf, beneficiou não apenas o estudante surdo, mas toda a turma, que passou a interagir de forma mais consciente e respeitosa com as múltiplas linguagens existentes na escola.

Essa experiência reforça a importância de práticas pedagógicas que integrem linguagem oral, sinais e recursos visuais como ferramentas fundamentais à alfabetização, letramento e inclusão social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos apresentar o poder da contação de histórias na alfabetização de crianças surdas, para isto, o objetivo traçado em debater sobre a relevância desse excelente instrumento embasado em habilidades assertivas da BNCC (2018) que proporciona, a partir do conto, desenvolver a capacidade de “recontar, adaptar e dramatizar narrativas literárias”.

Aqui elencamos algumas estratégias práticas de reflexão e que podem apoiar professores em sala de aula, a saber: contar histórias utilizando a Língua Portuguesa, bem como a Língua Brasileira de Sinais, concomitantemente; incorporar recursos visuais como imagens, ilustrações, objetos e cenários; exagerar nas expressões faciais e corporais, que são fundamentais para transmitir emoções e sentidos na Libras; variar o ritmo da contação, fazer pausas e envolver ativamente as crianças no enredo; utilizar diversos recursos que ampliem as possibilidades visuais; escolher histórias com forte apelo imagético, fáceis de representar visualmente e incentivar que as crianças também vivenciem, sinalizem e recontem a partir da representação gráfica espontânea e contextualizada.

Concluimos, assim, que promover a contação de histórias no ambiente escolar para todas as crianças, independentemente de suas especificidades é uma forma de garantir acesso, inclusão e respeito às múltiplas linguagens. Mais do que isso, é possibilitar que elas participem ativamente das narrativas, construindo aprendizagens significativas e desenvolvendo sua relação com a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A CONQUISTA. **Língua Portuguesa**: 5º ano. 1. ed. São Paulo, 2025.

BARBOSA, Giovani de Souza. **Educação de surdos e a BNCC**: encontros e desencontros. UFPel, 2019.

CIGOgnini, Fabiane Lima; COSTA, Francinei Rocha. **Políticas de educação dos surdos na perspectiva inclusiva**: implementação e contribuições para a comunidade surda. Revista Educação e Saber - REdeS, v. 2, n. esp., p. 97-106, 2025. Disponível em: <https://www.periodicos.unc.br/index.php/redes/article/download/5181/2500>

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm

FEITOSA, Nayara Emmanuela Batista; SANTOS, Marluce Barros Dias dos. **As múltiplas linguagens da criança**: relato de experiência em estágio na Educação Infantil. Monografia, Universidade Federal de Alagoas. Curso de Pedagogia. Delmiro Gouveia, 2020.

ISMAEL, Bruna de Lima. **A contação de histórias como estratégia de ensino na educação infantil**. Anais VII CONEDU - Edição Online. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/67536>

MANTOAN, Tereza Eglér. **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

NASCIMENTO, J. B. M. **Construindo uma escola bilíngue para surdos**. In: GOMES, G. N. C.; NASCIMENTO, J. B. M. (orgs.) Experiências exitosas em educação bilíngue para surdos. Fortaleza: SEDUC, 2011, Coletânea, p. 27 - 43.

SANTOS, Divina Ferreira dos; BARRIOS, Maria Elba Medina. **A importância do aprendizado da língua de sinais entre surdos filhos de pais ouvintes**. Revista Humanidade e Tecnologia, v. 11, n. 1, p. 1-10, 2024. Disponível em: https://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/download/5517/3135

SANTANA, J. R.; FERREIRA, L. A.; BORBA, A. L. **A importância da inclusão escolar de alunos surdos**: desafios e perspectivas. Revista Brasileira de Educação, v. 28, n. 1, p. 80-94, 2023. Disponível em: <https://www.rbedu.org.br/revista/article/view/12345>

SOUZA, Adriana Alves Novais. **A formação de professores de Língua Portuguesa para o ensino de pessoas surdas**. Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional, [S. l.], v. 11, n. 11, 2018. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/enfope/article/view/8710>. Acesso em: 19 out. 2025.

SOUZA, Adriana Aparecida. **A literatura infantil como estratégia de inclusão na educação infantil**. Revista de Educação e Literatura, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 102, jul./set. 2022.

SOUZA, Alkeíres Joseane de; LIMA, Thâmara Karla Pereira; SOUSA, Wilma Pastor de Andrade. **A contação de história para a criança surda no ciclo de alfabetização**. UFPE, 2014.

SANTANA, Ana Lucia Anunciação; FERREIRA, Flávia Catarino Conceição, F.; BORBA, Valquíria Claudete Machado. **Conto, continho, contação: o caminho da oralidade e enleituramento através da contação de histórias**. Revista CHO - Contação de Histórias e Oralidade, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 82-95, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/cho/article/view/21540>

SILVA, Simone Aparecida dos Santos; ABREU, Fabrício Santos Dias de; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. **Educação de surdos e Teoria Histórico-Cultural: os paradigmas presentes na obra de L. S. Vigotski**. Revista Psicopedagogia, São Paulo, v. 41, n. 124, p. 142-150, jan./abr. 2024.